

Os valores aspectuo-temporais dos verbos *haver* e *ter* na *Crónica de D. João I* de Fernão Lopes

Constatando a ocorrência dos verbos *haver* e *ter*, combinados com participípios passados, no discurso narrativo da *Crónica de D. João I* de Fernão Lopes (vol. II, Porto: Livraria Civilização-Editora), surgiu a questão de saber se estes dois verbos se comportam ambos como auxiliares e se apresentam os mesmos valores aspectuo-temporais ou se, pelo contrário, têm comportamentos sintácticos e valores aspectuais distintos. Por outras palavras, surgiu a questão de saber se a alternância entre *haver* e *ter* apenas denuncia a tendência para o desaparecimento do auxiliar *haver*, que em português moderno foi substituído por *ter*, como auxiliar do pretérito perfeito composto e do pretérito mais-que-perfeito composto (permanecendo em alguns dialectos conservadores), ou se as ocorrências destes verbos correspondem a diferentes valores semânticos.

Não esquecendo a especificidade sintáctico-semântica do texto de Fernão Lopes, própria do português medieval do século XV, fundamentarei a análise semântica dos enunciados na Teoria Formal Enunciativa. Segundo esta teoria, uma relação predicativa tem de adquirir determinação, isto é, tem de sofrer operações de localização, através das quais ganha valores referenciais que atribuem significação ao enunciado. Assim, limitarei este estudo enunciativo à construção de valores referenciais aspectuo-temporais, procurando determinar esses valores nas ocorrências dos verbos *haver* e *ter* combinados com participípios passados.

Os valores referenciais de tempo e aspecto são construídos através de operações de localização. Logo, o valor referencial da categoria aspecto resulta da localização de uma relação predicativa em relação aos parâmetros enunciativos temporais que integram o sistema referencial. Neste estudo, interessa-nos particularmente o valor aspectual perfectivo, em que o acontecimento linguístico é construído como realizado, a partir de um localizador temporal exterior à sequência de instantes associada a esse acontecimento, e o valor aspectual imperfectivo, em que o acontecimento linguístico é construído como estando em curso a partir de um localizador temporal que coincide com um dos instantes da sequência associada a esse acontecimento.

A construção dos valores aspectuo-temporais de um enunciado resulta de vários factores, nomeadamente dos adverbiais (que não nos interessa considerar neste estudo), da própria natureza aspectual da relação predicativa (eventos prolongados ou instantâneos, estados ou actividades), dos tempos gramaticais e, neste caso particular, dos valores aspectuais dos verbos *haver* e *ter* que determinam, na própria relação predicativa, o modo de realização do processo. Assim, verificamos que, no texto de Fernão Lopes, os verbos *haver* e *ter* são marcadores aspectuo-temporais, porque atribuem ao enunciado valores referenciais de aspecto e tempo.

Os verbos auxiliares são verbos que apenas recebem as flexões gramaticais de pessoa, número, tempo e aspecto, não apresentando um valor lexical pleno. Resta-nos saber se os marcadores *haver* e *ter* apresentam estas características ou se, pelo contrário, podem apresentar um valor nocional próprio. Comparemos os seguintes enunciados:

(1a) *E cõ prazer desta boa andança se vierão a Serpa, dhu avião partido, cõ toda a cavalgada que tragião...* (p. 158).

(1b) *...e eles fazendo o que não devião se apunhão e aposerão quãto em elles foy a serviço del Rey de Castela com os corpos, vilas e lugares e castelos deste reino, pelos quaes avião feito menagem de os defender...* (p. 8).

(1c) *E que estonce el Rey e os seus aviam daver a despesa que na ida gastara, que o duque lhe fizera doação dos lugares todos que em Galiza avia ganhados.* (p.260).

(2a) *Avendo ainda muito poucos dias que ell Rey tinha este lugar cerquado, depois daquel combate que lhe pouco empeço, segundo disemos, lançoouse dentro da cidade Guomçalo Lopez com trinta homes darmas...* (p. 191).

(2b) *...e que portanto ele absolvía os que se dele partir quisesem de todas as menagees, juramentos, fieltade, que feita tinhão aos sobre ditos per quoad quer guisa que fose...*(p.159).

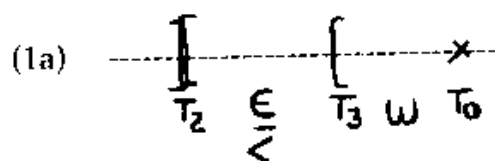
(2c) *Gil Fernandez, quando isto vio, pesoulhe muito daquela crueza e mandou loguo decepar douus bõos escudeiros que tinha presos...* (p.58).

Analisando os enunciados acima transcritos, verificamos que o verbo *ter* não é um verbo auxiliar, pois este verbo apresenta um valor nocional próprio e os participípios passados que se combinam com ele comportam-se como adjectivos (com a diferença que o participípio, estando ainda viva a consciência da sua origem verbal, exprime não uma qualidade mas o estado resultante de um acto anterior), o que justifica a sua concordância em género e número com o nome que desempenha a função sintáctica de complemento directo. Ao contrário do verbo *haver*, que se comporta como um verbo auxiliar, formando com os participípios passados de verbos transitivos e intransitivos o pretérito mais-que-perfeito composto. Logo, os participípios passados que ocorrem com este verbo auxiliar são geralmente invariáveis e a ocorrência da concordância, em alguns casos, como no enunciado (1c), explica-se possivelmente por analogia com o verbo *ter*.

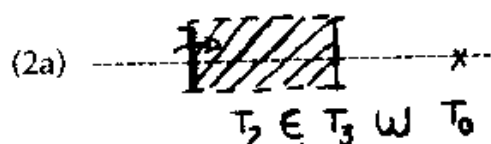
O verbo auxiliar *haver*, que se encontra no pretérito mais-que-perfeito composto, apresenta um valor aspectuo-temporal perfectivo, na narração de acontecimentos linguísticos acabados, que são representados por um intervalo fechado. Enquanto o verbo *ter*, que se encontra no imperfeito do indicativo, tempo gramatical que apresenta um valor aspectual imperfectivo, representa um intervalo aberto ou semi-aberto.

Para melhor descrevermos estas diferenças aspectuais resultantes do emprego dos verbos *haver* e *ter*, respectivamente, como auxiliar e como verbo pleno, vamos utilizar as representações em diagrama da Teoria Formal Enunciativa, representando os valores aspectuo-temporais numa recta contínua cronologicamente orientada, através de operações de localização enunciativa, utilizando os parâmetros enunciativos temporais T com os respectivos índices. Segundo esta teoria, um enunciado resulta dum conjunto de operações de

localização abstracta, *repérage*, que incidem sobre um termo localizado e o localizam em relação a um termo localizador. Como se trata duma narrativa histórica, os acontecimentos linguísticos são localizados uns em relação aos outros, em ruptura ou não localização em relação a T0 (tempo da enunciação origem). Assim, nestes enunciados, os acontecimentos linguísticos construídos pela enunciação (T2) são localizados em relação a um tempo de localização intermédia (T3) que é o localizador.



intervalo pontual fechado, acontecimento linguístico localizado - *avião partido* T₂]
parâmetro enunciativo temporal localizador - *se vierão a Serpa* T₃



intervalo pontual fechado - *cercar* T₂]
intervalo semi-aberto, estado resultante - *tinha cerquado* T₂ [
localizador - *lançouse* T₃

Com o verbo auxiliar *haver*, combinado com participípios passados, ocorrem principalmente eventos pontuais, isto é, acontecimentos linguísticos concluídos, em que o ponto inicial de realização do processo coincide com o ponto final. Como podemos ver através da representação em diagrama do enunciado (1a). Como se trata dum tempo gramatical composto, o valor aspectual é determinado pelo auxiliar e pelo participípio passado do verbo auxiliado, apresentando um valor aspectual pontual e perfectivo.

As ocorrências do verbo *ter*, combinado com participípios passados, correspondem geralmente a verbos estativos, uma vez que representam estados resultantes de eventos pontuais, com valor aspectual imperfectivo, representados por um intervalo aberto. Pois, o enunciado não define um ponto inicial em que temos a passagem da fronteira de um estado para outro estado resultante e o processo continua em curso em T3, uma vez que também não se define um último ponto ou limite final. Como podemos ver através da representação em diagrama do enunciado (2a). O marcador aspectual é o verbo *ter*, que se apresenta como verbo pleno, com o valor semântico de *conservar* ou *permanecer*, atribuindo o valor aspectual imperfectivo e durativo à realização do processo enunciativo. Este valor aspectual é determinado não só pelo semantismo do verbo, mas também pelo tempo gramatical em que ele se encontra. Logo, os participípios passados que ocorrem com *ter* são adjectivos, e por isso, não intervêm na determinação dos valores aspectuo-temporais dos enunciados.

Em (2b), verificamos que a natureza aspectual da relação predicativa determina, juntamente com o verbo *ter*, o valor aspectual da realização do processo. Assim, a relação predicativa <ter feita fieldade> apresenta um valor aspectual imperfectivo, não só devido ao marcador *ter*, mas também devido à noção lexicalizada em *fieldade*, que implica continuidade ou duratividade. Por oposição a (1b), <aver feito menagem>, em que a noção lexicalizada em *menagem* representa um evento pontual com valor aspectual perfectivo.

Contudo, não podemos estabelecer uma oposição total entre os valores aspectuais dos enunciados (1) e (2), isto é, não podemos afirmar que com *haver* só temos eventos pontuais (valor aspectual perfectivo) e que com *ter* só temos estados (valor aspectual imperfectivo). Em (2c), a noção lexicalizada na relação predicativa <ter presos escudeiros> pode ter um valor aspectual imperfectivo, se for construída com uma interpretação estativa, que pode glosar-se por *estavam presos* (com o complementar linguístico *estavam livres*), em que temos um estado resultante dum evento pontual *prender*, que representa a passagem dum estado a outro. O estado resultante não tem um ponto final definido, logo, podemos dizer que continuam presos em T3, daí o seu valor imperfectivo. No entanto, também pode ter um valor aspectual perfectivo, se o acontecimento linguístico for construído como um evento instantâneo ou pontual já concluído em T3, que pode glosar-se por *prenderam*. Embora seja mais provável o valor aspectual imperfectivo, devido à concordância do participípio passado, ao semantismo e ao tempo gramatical do verbo *ter*. Em (1c), vemos que, embora com o auxiliar *haver* ocorram principalmente eventos pontuais, isso não quer dizer que este auxiliar não possa ocorrer numa relação predicativa que represente um estado. Assim, na relação predicativa <avia ganhados lugares> podemos ter um estado resultante dum evento pontual *ganhar*, com valor aspectual imperfectivo, pois podemos parafrasear o acontecimento linguístico do seguinte modo: *estavam ganhados* (*continuando ganhados os lugares*) em T3. No entanto, parece-me mais provável a interpretação do enunciado com valor aspectual perfectivo, uma vez que o tempo gramatical (pretérito mais-que-perfeito composto) apresenta um valor aspectual concluído, que podemos glosar do seguinte modo: *ganharam*. O que confirma a regularidade de *haver* (ocorrência com eventos pontuais).

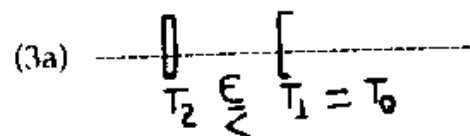
Surge-nos agora a necessidade de confirmar se a diferença aspectual entre os enunciados que ocorrem com o auxiliar *haver* e os enunciados que ocorrem com o verbo *ter* depende do semantismo destes verbos. Antes de obtermos uma resposta a esta questão, temos de verificar se esta diferença aspectual se mantém quando estes verbos ocorrem em enunciados no discurso directo, ou seja, quando T0 = T1 (tempo da locução ou da enunciação relatada), em que o acontecimento linguístico é localizado no plano enunciativo, isto é, T1 coincide ou identifica-se com T0, o que não acontece no discurso indirecto.

(3a) ...e dise : _se o Mestre dAvis e os que com ele estão se quiserem vir a minha merçe, não catando ao muito desserviço que me *hãõ feito*, eu partirey com eles em estes reinos... (p.73).

(4a) E dise el Rey: _elles cuidam de me espantarcom suas palavras e ajuntamentos, cuidando que por isso me ey de partir e leixar o cerquo deste lugar,

eu tenho isto muy pouco em vontade, caeu não lhe guerreyo sua terra nem quero toar esta cidade por cobiça mas porque me tem minhas villas forçadas e me fazem guerra. (p.305).

A representação de tempos locais, nestes enunciados, mostra-nos a localização do acontecimento linguístico (T2) em relação ao tempo da enunciação origem (T0) que coincide com o tempo da locução (T1). Em (3a), T2 é localizado temporalmente em relação a T0, estabelecendo com este uma relação de anterioridade, pois, apresenta um valor aspectual perfectivo, que corresponde a um evento pontual representado por um intervalo fechado, mas não é localizado noçãoalmente, uma vez que não há continuidade mas ruptura enunciativa entre T2 e T1. Além disso, em (3a) não há construção do complementar linguístico, ao contrário de (4a), em que temos um estado resultante com construção do complementar linguístico que é o estado anterior a este. Em (4a), T2 é também localizado temporalmente em relação a T0, estabelecendo com este uma relação de simultaneidade, pois apresenta um valor aspectual imperfectivo, visto que o acontecimento linguístico é construído sem um limite final definido, logo, representado por um intervalo semi-aberto, porque está em curso em T1 ou T0.



intervalo fechado - *hão feito* T2
 localizador - *dise* T1 = T0



intervalo fechado - *forçadas*
 intervalo semi-aberto, estado resultante - *tem* T2
 localizador - *dise* T1 = T0

Analisando os enunciados (3a) e (4a), verificamos que a diferença aspectual se mantém, uma vez que o verbo *haver* continua a ser auxiliar, formando com o particípio passado o pretérito perfeito composto, e o verbo *ter* encontra-se no presente do indicativo combinado com participípios adjectivais. Logo, a diferença aspectual entre valor perfectivo e imperfectivo deve-se principalmente aos tempos verbais, uma vez que o pretérito perfeito composto representa um acontecimento linguístico concluído em T0, enquanto o presente representa um acontecimento linguístico em curso em T0. Mas será que esta diferença aspectual não poderá estar também relacionada com os aspectos semânticos inerentes aos verbos *haver* e *ter* no português medieval? Para responder a esta questão, vamos tentar definir os valores semânticos destes verbos, nos enunciados seguintes, em que não aparecem combinados com participípios passados.

(5a) *E vindo a Coimbra e proposto a sua embaixada, ouverão delle tão doce resposta que a poucos dias com boa esperança se tornarão ledos pera sua terra.* (p. 12).

(5b) *E este avia cõsigo muitos e boõs escudeiros, asaz homes de pee, e besteiros huus oitemta...* (p.32).

Analisando os valores semânticos do verbo *haver*, nos enunciados acima transcritos, verificamos que em (5a) apresenta o valor de *receber*, uma vez que podemos glosar este enunciado do seguinte modo: *receberam dele tão doce resposta* e em (5b) indica posse, apresentando o valor actual do verbo *ter*.

(6a) *...em esto chegou Fernão Roiz, fromteiro mor de Lixboa, cõ as gemtes que hi tinha e mais as da cidade que erão cem lamças...* (p.55).

(6b) *Não com menos sentido de ho receber homradamente se fez prestes com sua clerisya ho homrado dõ Johão, Bispo da çidade, com hos melhores corrigimentos que tinhão.* (p.20).

Analisando os enunciados (6), verificamos que o valor semântico mais frequente do verbo *ter* é *possuir* ou *conservar*. Logo, trata-se dum *ter* ou *possuir* extrínseco e efémero que pode ser prolongado no tempo. Assim, em (6a) e (6b), o verbo *ter* apresenta o valor semântico de *possuir* que podemos parafrasear por *conservar* ou *manter*.

Azevedo Ferreira (1980), no seu estudo sobre a oposição entre os verbos *haver* e *ter* em *Lo libro de los gatos*, justifica o diferente emprego de *haver* e *ter* com base na oposição semântica entre estes dois verbos. Ele constata que o verbo *haver* tem o significado de posse radical ou intrínseca, sendo utilizado como verbo pleno significando *ter*, que exprime posse hereditária e apresenta ainda um outro significado paralelo - *obter* ou *receber*. O verbo *ter*, por sua vez, tem o significado de posse contingente ou efémera, por oposição a *haver*, apresentando também o significado paralelo - *manter* ou *conservar*. No entanto, verifica que há casos em que se emprega indiscriminadamente o verbo *haver* e o verbo *ter*, o que prova a tendência para a confusão entre estes dois verbos. Pois, segundo Azevedo Ferreira, após o século XIII, o verbo *ter* começa a substituir o verbo *haver*, embora este ainda apareça com alguma vitalidade em textos do século XV.

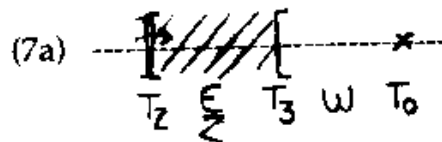
Das oposições semânticas, estabelecidas por Azevedo Ferreira, entre os verbos *haver* e *ter*, é pertinente salientar os significados paralelos que possivelmente estão na base da diferença entre a natureza aspectual destes dois verbos. Assim, o verbo *ter*, que apresentava o significado específico de *possuir* como *manter* ou *conservar*, continha o valor semântico de *permanência*, o que explica o seu valor aspectual imperfectivo ou não acabado, por oposição ao valor aspectual perfectivo ou acabado do auxiliar *haver*, associado a eventos pontuais como *obter* ou *receber*.

No texto de Fernão Lopes, registámos também a tendência já acentuada do verbo *ter* substituir o verbo *haver*, mesmo como auxiliar com valor aspectual perfectivo, como podemos ver nos enunciados seguintes:

(7a) *E com este regimento chegarão a Ourem que erão daly tres leguoas, homde o Comde ja tinha tomado alojamento pera a oste o pee da vila...* (p.77).

(7b) *Dali se partiram alguns, e foram contra Badalhouce por escaramuçar com os inimigos; e na escaramuça foram mortos e feridos alguns da villa, e dos portugueses morreo Antam Vasquez, mui bom cavalleiro per seu corpo, de cuja morte a el Rei pesou muito, por ser notavel homem e que o jaa bem tinha servido.* (p.299).

Contudo, verificamos que o emprego do verbo *ter* como auxiliar com valor aspectual perfectivo em (7a), não ocorre indiscriminadamente, ocorre na presença do marcador aspectual *já*, que marca a passagem dum estado a outro sem necessidade dum adverbial. Construindo, assim, um intervalo fechado ou concluído, porque o processo já não está em curso em T3. Logo, o marcador *já* estabelece uma fronteira ou distância entre T2 e T3. Assim, *já* é o marcador do valor aspectual perfectivo. *Já est marqueur d'une des opérations énonciatives qui construisent la catégorie grammaticale aspect et correspond à une construction purement linguistique, sans aucun rapport avec la réalité extérieure (...)* Dans la construction de procès perfectifs (marqués par les temps grammaticaux pretérito perfeito simples et pretérito mais-que-perfeito composto), on envisage le procès comme effectivement réalisé dans sa totalité et on veut insister sur la distance entre la borne finale du procès et un point de référence (CAMPOS 1983:543). Em (7a), vemos claramente que o marcador *já* estabelece uma distância entre T2 e T3, apresentando o acontecimento linguístico como concluído em T3 e estabelecendo uma relação temporal de anterioridade de T2 em relação ao localizador T3.



intervalo pontual fechado - *tinha tomado* T₂

intervalo não-nulo, distância entre T2 e T3 - *já*

localizador - *chegarão* T₃

Em (7b), o marcador *já* apresenta um valor diferente, pois, não é um marcador temporal mas nocional. Trata-se dum valor pouco frequente em português europeu contemporâneo, mas ainda presente numa variedade de crioulo falada em Cabo Verde, que se mantém próxima do português antigo da época da expansão, o que nos mostra que o marcador *já*, no português do século XV, podia ser usado com valor modal como marcador de superlativação ou de intensidade. Assim, podemos glosar o enunciado (7b) do seguinte modo: *por ser notável homem e que o muito bem tinha servido*. Campos (1985:96) afirma *Muitos outros valores se podem atribuir a já*. Por exemplo: (12) *já é preciso ter coragem!* (13) *Esse homem já é feio!* (variedade falada em Cabo Verde). Em (12) e (13), *já* parece ter valor fundamentalmente modal. Funciona como marcador de superlativação, isto é, da identificação das ocorrências da relação predicativa com o alto grau da noção respectiva, assim localizadas no centro atrator.

Surge-nos agora o problema de determinar o valor aspectuo-temporal deste enunciado. Embora o marcador *já* não tenha valor aspectual perfectivo, a natureza aspectual da relação predicativa (morte que implica não continuidade,

isto é, um acontecimento linguístico concluído) e o tempo gramatical (pretérito mais-que-perfeito composto, em que o verbo *ter* aparece já como auxiliar em vez de *haver*) determinam o valor aspectual perfectivo do enunciado. Assim, T2 é localizado como anterior ao localizador T3 em ruptura com T0, sendo representado por um intervalo fechado sem complementar linguístico, o que o distingue das outras ocorrências do verbo *ter*. Surge-nos ainda a questão de saber se este valor aspectual perfectivo é pontual, durativo ou iterativo, isto é, se se trata dum evento instantâneo, dum evento prolongado ou de uma sequência indefinida de eventos pontuais. Pensamos que estes três valores aspectuais são possíveis neste enunciado, o que não é pertinente para o presente estudo.

O que nos leva a afirmar que há tendência para substituir o verbo auxiliar *haver* por *ter* é o facto de constatarmos que nestes enunciados tanto poderia ocorrer *haver* como *ter*, no entanto emprega-se *ter* e não *haver*. É o apagamento do valor nocional de *haver* que faz com que o verbo *ter* ganhe o campo semântico de *haver*. Segundo Azevedo Ferreira (1980), o uso frequente do verbo *haver* implica a perda do seu conteúdo nocional que é compensada pelo uso do verbo *ter*. O verbo *ter* ao substituir *haver* acaba também por perder o seu valor nocional e aspectual de *manter* ou *conservar*. Como afirma Said Ali (1964), a função primitiva do verbo *ter* combinado com participípios passados, que exprime dois actos diferentes (representados um pelo verbo *ter* e o outro pelo anexo predicativo participial), por exemplo em: *ter preso alguém*, significando *conservar a alguém preso*, deu origem a uma forma verbal composta devido ao esquecimento ou apagamento da noção de *ter*. Passou-se assim da justaposição de formas verbais simples e independentes à subordinação de um elemento ao outro, considerando-se como verbo principal o participípio e *ter* como simples auxiliar, como podemos ver em (7a) e (7b).

Em conclusão: a diferença aspectual entre os enunciados (1) e (2), que nos propusemos analisar, depende da natureza aspectual da relação predicativa, dos tempos gramaticais (pretérito mais-que-perfeito composto *versus* imperfeito) e do semantismo dos verbos *haver* e *ter*. Não podemos estabelecer uma oposição aspectual nítida entre (1) e (2), ou seja, não podemos dizer que com *haver* temos apenas processos que correspondem a eventos pontuais e que com *ter* temos apenas estados ou eventos prolongados. No entanto, podemos concluir que em (1) predomina o valor aspectual perfectivo e em (2) predomina o valor aspectual imperfeito.

A Teoria Formal Enunciativa pode dar um contributo importante para o estudo das diferenças aspectuais entre *haver* e *ter*, ajudando a compreender os diferentes empregos destes verbos em textos do português medieval. As representações formais desta teoria de análise linguística contribuem para a melhor descrição e explicação de tão minuciosas diferenças aspectuais como aquelas que tentámos abordar neste trabalho, contribuindo assim para a melhor interpretação dos textos. Parece-me ser um trabalho interessante no âmbito da linguística histórica, por isso tentei aplicar esta teoria no estudo do texto de Fernão Lopes. Outros textos terão de ser estudados a fim de determinar com precisão os diferentes valores aspectuais dos verbos *haver* e *ter* no português medieval, validando ou invalidando as propostas de análise que aqui esboçámos.

Bibliografia:

- ALL, M. Said. 1964. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Edições Melhoramentos (3ª ed; 1ª ed. 1921).
- CAMPOS, M. H. C. 1983. "Le marqueur *já*: étude d'un phénomène aspectuel". *Boletim de Filologia XXIX*. Lisboa: LNIC. pp. 539-554.
- CAMPOS, M. H. C. 1985. "Elementos para uma definição de alguns invariantes da linguagem" in *Actas - 1º encontro da Associação portuguesa de linguística*. Lisboa. pp. 83-107.
- CAMPOS, M. H. C. 1985. "Ambiguidade lexical e representação metalinguística". *Boletim de Filologia XXX*. Lisboa: INIC. pp. 113-131.
- CAMPOS, M. H. C. 1991. "Pretérito perfeito simples-pretérito perfeito composto: uma oposição aspectual e temporal" in *Sintaxe e semântica do português: textos complementares*. Lisboa: Universidade Aberta. pp. 213-257.
- CHEVALIER, Jean-Claude. 1977. "De l'opposition *aver-tener*". *Cahiers de Linguistique Hispanique Médiévale* n° 2. Paris: Klincksieck. pp. 5-48.
- CULIOLI, Antoine. 1990. *Pour une linguistique de l'énonciation*. Paris: Ophrys.
- CUNHA, Celso e Lindley Cintra. 1990. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Edições João Sá da Costa.
- DIAS, A. E. da Silva. 1970. *Sintaxe Histórica Portuguesa*. Lisboa: Clássica Editora (5ª ed; 1ª ed. 1918).
- FERREIRA, José de Azevedo. 1980. "Les verbes *haber-tener* et l'emploi de l'anaphorique *y* dans le *Libro de los Gatos*". *Boletim de Filologia XXVI*. Lisboa: INIC. pp. 245-270.
- MATEUS, M. H. M. et al. 1989. *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho.
- LOPES, Fernão. *Crónica de D. João I* (Edição preparada por M. Lopes de Almeida e A. de Magalhães Basto segundo o códice inédito da Biblioteca Pública de Évora confrontado com o texto impresso em 1644 e versões quinhentistas da mesma Crónica existentes nas Bibliotecas da Universidade de Coimbra e Municipal do Porto). Vol. II. Porto: Livraria Civilização-Editora.